



ANAIS



# III CEPIAL

---

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

---

Semeando Novos Rumos

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil



ANAIS



# III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

## Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:  
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS  
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho 2012  
Curitiba - Brasil

ANAIS



**III CEPIAL**

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

**Eixo 4**

**“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”**

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

### MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

#### EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)  
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)  
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)  
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)  
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

#### RESUMOS APROVADOS

**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)**

**O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)**  
**REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)**

**O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)**

**A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)**

**Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)**

**Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)**

**INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)**

**Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)**

**SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)**

### MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

#### EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)  
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)  
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)  
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

**MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)**

**DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)**

**REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)**

**ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)**

**TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)**

**ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).**

### MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)  
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)  
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)  
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)  
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA ( autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

### MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

#### EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

#### RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

### MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

#### EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## RESUMOS APROVADOS

### MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)  
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

### MR4.6. História e Literatura na América Latina

#### EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

## RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

### MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

#### EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

## RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



## PRÁTICAS ALIMENTARES, IDENTIDADE CULTURAL E SOCIABILIDADE: A COMIDA NO CONTEXTO DAS FESTAS COMUNITÁRIAS.

Carla Pires Vieira da Rocha – UFRGS – [carlapvrocha@gmail.com](mailto:carlapvrocha@gmail.com) Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS), Especialista em Museologia/ Patrimônio (UFRGS) e Especialista em Alimentação e Sociedade pela Universitat Oberta de Catalunya (UOC). Áreas de interesse: Alimentação, Cultura e Sociedade - Últimas publicações: MORIGI, Valdir; ROCHA, Carla Pires Vieira da; SEMENSATTO, Simone. Memória, Representações Sociais e Cultura Imaterial. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v.9, p.177-186, 2012. ROCHA, Carla Pires Vieira da. Cultura e Sociedade: Os Alimentos na Construção do Imaginário Social. **Mutações**, Parintins – Amazonas, Nº 5, Ano 2012.

Valdir Jose Morigi – UFRGS – [valdir.morigi@ufrgs.br](mailto:valdir.morigi@ufrgs.br) Professor Associado da Fabico-UFRGS. Áreas de interesse: Conhecimento e Sociedade: estudos interdisciplinares - Últimas publicações: MORIGI, Valdir; ROCHA, Carla; SEMENSATTO, Simone. Memória, Representações Sociais e Cultura Imaterial. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v.9, p.177-186, 2012.

Simone Semensatto – UFRGS – [ssemensatto@gmail.com](mailto:ssemensatto@gmail.com) - Coordenadora do Sistema de Bibliotecas – Áreas de interesse: Ciência da Informação: estudos interdisciplinares - Últimas publicações: MORIGI, Valdir; ROCHA, Carla; SEMENSATTO, Simone. Memória, Representações Sociais e Cultura Imaterial. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v.9, p.177-186, 2012. GRANDI, Cleci et al. **Orientações para elaboração e apresentação de trabalhos e relatórios acadêmicos**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.



## RESUMO

O artigo parte da relação entre comida e identidade, tendo como foco as práticas alimentares das festas comunitárias, enraizadas nos saberes da cultura alemã que ocorrem no interior do município de Estrela/RS. Trata-se de um estudo descritivo, baseado em metodologia qualitativa. O trabalho de campo foi realizado durante o período de 2005 a 2010, nas seguintes comunidades: *Linha Geraldo Baixa*, *Linha Santo Antônio*, *Linha Lenz*, *Linha São José*, *Arroio do Ouro* e *Novo Paraíso*, situadas em zona rural do município de Estrela, região do Vale do Taquari, RS. Os dados foram coletados através das técnicas de entrevistas, da observação participante e do registro fotográfico. A partir da análise do material coletado conclui-se que as práticas em torno da comida possibilitam o reforço dos laços comunitários e remetem às construções identitárias que auxiliam no repertório de saberes da memória social enquadrada sobre a cultura alemã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Festas Comunitárias; Práticas alimentares e Identidade; Memória Social.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo parte da relação entre comida e identidade para analisar as práticas alimentares envolvidas nas festas comunitárias, enraizadas na cultura alemã, que ocorrem no interior do município de Estrela/RS. Nos festejos, a comunidade mobiliza-se em torno do alimento, tanto no seu preparo como no seu consumo, expressando as representações, as cosmologias e os valores que auxiliam na sua construção identitária. Além disso, naquele contexto, as práticas alimentares promovem o reforço dos laços comunitários, por meio do exercício da sociabilidade.

O objetivo deste artigo é mostrar como as práticas em torno do alimento possibilitam o reforço dos laços identitários e a expressão da sociabilidade, através de uma análise dos festejos comunitários no interior da região sul do país.

Trata-se de um estudo descritivo, baseado em metodologia qualitativa. O trabalho de campo foi realizado durante o período de 2005 a 2010, nas seguintes comunidades: *Linha Geraldo Baixa*, *Linha Santo Antônio*, *Linha Lenz*, *Linha São José*, *Arroio do Ouro* e *Novo Paraíso*, todas situadas em zona rural do município de Estrela, região do Vale do Taquari, RS. Os dados foram coletados através das técnicas de entrevistas, da observação participante e do registro fotográfico.

As comunidades rurais estão localizadas a uma distância entre 10 a 15 km da cidade. Todas as comunidades possuem seus líderes e são compostas por diretorias. Em geral, os cargos de liderança são exercidos pelos chefes das famílias locais, responsáveis pela realização e organização das festividades comunitárias.



Os festejos são eventos significativos para aquelas comunidades, pois também exaltam a afirmação de uma cultura local. Os jornais e os folders da Secretaria de Turismo do município fazem alusão às festividades, ao lado de outros eventos culturais emblemáticos da cidade, como os “*Kerbs*”, o “Festival do Chucrute”, as danças folclóricas. Todos, a par da gastronomia e da paisagem da região, são traços que constituem as “marcas” identitárias da cidade e de seus cidadãos. Além disso, a valorização da arquitetura local, em estilo enxaimel e dos produtos artesanais “alemãos” reforçam a conotação de “típico”, contribuindo para perpetuar as tradições e os valores de uma cultura herdada. Nesse contexto, é que as práticas alimentares são colocadas em evidência, no sentido de reafirmarem o modo de vida do grupo, no qual estão alicerçados os padrões culturais mencionados, a rede de sociabilidade e a construção da identidade cultural.

## **2 AS FESTAS COMUNITÁRIAS EM ESTRELA, RS: A MANUTENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO**

O Município de Estrela está situado a 113 km de Porto Alegre, pela BR 386 (Rodovia Presidente Kennedy), RS 453 (Rota do Sol), que interliga o município com outros centros regionais. Conforme o Censo do IBGE de 2007, Estrela possui uma população estimada em 29.071 habitantes, distribuídos em uma área de 184 km.

A partir do século XIX, a cidade começou a ser povoada por imigrantes que se estabeleceram no Vale do Taquari, às margens do rio de mesmo nome, desenvolvendo as primeiras comunidades de cultura germânica. O catolicismo sempre esteve presente na vida desses imigrantes, o que possibilitou a continuidade das suas práticas neste novo contexto. Conforme Roche (1969), antes mesmo do surgimento das Capelas, as famílias mantinham o costume de orar para um santo protetor, na intenção de alcançarem a concessão de uma benção, acreditando que, com isso, conseguiriam evitar os males passíveis de atingir as suas plantações.

Os festejos analisados têm relação com outras práticas da cultura alemã, como o *Kerb* (festa criada no sul do Brasil pelos alemães que chegaram em 1824, em São Leopoldo – RS, que originalmente significa "solenidade de inauguração da igreja", consistindo em uma festa religiosa comemorada anualmente) e fazem parte de uma tradição que expressa os costumes das famílias de imigrantes, não se resumindo ao caráter religioso. As



práticas envolvidas nos festejos têm uma poderosa força de coesão grupal, uma vez que reforçam os laços de solidariedade entre os membros da comunidade. Isso pode ser observado nos objetivos centrais dos festejos: a comemoração do dia regido pelo Santo Padroeiro, a arrecadação de fundos para as necessidades das localidades e a integração entre os membros da comunidade, por meio da continuidade das suas práticas culturais.

As festas comunitárias no município de Estrela são eventos concebidos nos moldes de uma tradição e têm a finalidade de reforçar o espírito comunitário e os laços de solidariedade e afetividade entre os grupos sociais, ancorados na afirmação da sua religiosidade e em práticas orientadas pela cultura alemã. Dentre tais práticas, destacam-se aquelas relacionadas à alimentação.

As datas das festas comunitárias nas zonas rurais do município costumam ser agendadas ao final do ano pela diretoria de cada comunidade e são guiadas pelo calendário religioso, criado anualmente pela paróquia da cidade. Os organizadores dos festejos sempre ficam atentos para que a data do evento coincida com o dia atribuído ao santo padroeiro da sua comunidade. Após a definição das datas, o calendário é confeccionado (conforme imagem abaixo) e distribuído a todas as capelas da região, sinalizando para as diferentes comunidades a ordem e a data em que serão realizados aqueles eventos.

As comunidades rurais são denominadas linhas. Cada linha é composta por um núcleo central: capela, escola, pavilhão de festas e cemitério. As referidas comunidades vivem em torno desses núcleos e é no pavilhão, situado geralmente próximo à capela e à escola, onde se realiza o evento.

Ao organizar o festejo, cada comunidade procura seguir as suas raízes culturais. Neste sentido, as festas vêm se constituindo em práticas que, ao serem preservadas, tornam-se responsáveis pela manutenção da memória social, bem como pela construção identitária daqueles grupos sociais.

É importante sublinhar que a memória herdada possui uma ligação estreita com a noção de identidade. Isto porque, segundo Pollak (1992), a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva. Nesta perspectiva, para reconstituir uma lembrança, é necessário que os indivíduos participantes do grupo compartilhem das mesmas ideias ou das mesmas práticas: a memória está relacionada com a identidade cultural do sujeito que, por sua vez, tem sua identidade intimamente ligada ao seu pertencimento em pelo menos um grupo social.



Calendário das festas

A organização das festividades envolve a participação de várias pessoas, possibilitando a integração do grupo e a mobilização da vida comunitária. Para isso, é necessário que um grande número de membros participe de forma efetiva, por meio de um comprometimento que não se resume a uma obrigação formal, já que o evento é uma mobilização em torno de uma causa comunitária e que, além se beneficiarem com os objetivos a serem conquistados, todos, de alguma forma, têm exaltada a sua condição de pertencimento àquele núcleo.

Geralmente, as diretorias são compostas por famílias da comunidade e a liderança é exercida por um dos membros pertencentes a essas famílias. Portanto, pode-se considerar que o referido comprometimento tem relação direta não apenas com a necessidade de dar continuidade ao evento, mantendo aquela tradição, mas também com a própria noção de se sentir nutrido a partir daquele ideal comunitário. Aqui, podemos evocar as palavras de Bauman (2003, p.07), ao descrever metaforicamente a comunidade como “[...] um lugar 'cálido', um lugar confortável e aconchegante [...] um teto sob o qual nos abrigamos



da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado”.

A festa é notadamente um espaço de trocas, de encontros, de interações; um local onde ocorrem as sociabilidades entre os sujeitos, a partir do compartilhamento de experiências. Tais experiências produzem a trama de sentidos daquele evento. Para isso, contribuem diversos agentes sociais: as empresas da região que vinculam sua imagem aos eventos, por meio de patrocínios; os agentes religiosos, como o pároco e a paróquia da região, tornando-se parte referencial do evento, através do fornecimento do calendário religioso e da celebração da missa; as mídias, por intermédio dos veículos de divulgação, como a rádio e o jornal locais; os representantes da localidade: vereadores, padre, presidente da comunidade, entre outros, que também participam na organização e na divulgação, assim como outros dos grupos sociais locais: grupo de jovens, clube de mães, liga de corais, e os demais que auxiliam na organização do evento. Cabe incluir ainda, a própria comunidade, ou seja, as famílias residentes no local e os membros das comunidades vizinhas que participam dos festejos, assim como o líder e os membros do grupo organizador da festa, responsáveis pela mobilização dos demais e pela construção do evento de forma efetiva.

A renda proveniente das atividades relacionadas aos festejos, das quais se sobressaem a comercialização da comida e das bebidas, tem a finalidade de saldar as despesas da comunidade, como o fornecimento de luz e de água para o prédio da escola, a reforma ou a ampliação dos espaços, as melhorias na infraestrutura dos prédios, bem como a manutenção das edificações, incluindo a igreja e o pavilhão, núcleos centrais daquele acontecimento. As festas, portanto, além da sua dimensão simbólica, igualmente podem ser vistas como uma fonte de renda gerada pelo esforço de todos os membros da localidade para a sua própria conservação.

A concepção da comida é pensada nos dias que antecedem o evento e abarca não apenas a previsão dos itens a serem comprados para o preparo das refeições e consumo das bebidas, mas também a decisão sobre o destino a ser dado às sobras quando da finalização do evento. No dia dos festejos, a mobilização em torno das comidas inicia bem cedo, antes da missa, quando algumas mulheres já estão na cozinha preparando as saladas e os homens aprontando as carnes para o churrasco. Nesse momento, alguns convidados aproveitam para tomar chimarrão, período denominado de "alvorada festiva", pois acontece durante os preparativos e antes da missa terminar.

A missa é um importante demarcador de tempo no dia dos festejos. Durante o ritual, e até mesmo o período que o antecede, é considerado o momento “sagrado” do



evento, quando são exaltadas as manifestações de fé e religiosidade centradas, sobretudo, na figura do santo que ostenta a função de padroeiro daquela comunidade. No período posterior à missa, passaria então a vigorar o momento “profano”, quando todos se dirigem até o pavilhão para compartilhar as outras das variadas atrações planejadas, como os jogos, as rifas, as apresentações de bandas, assim como o evento mais importante: o almoço.

A missa tem início quando o sino soa pela terceira vez, conclamando os devotos para o ritual, focalizado pelo padre. Quando a missa é finalizada, um grupo de gaiteiros, à espera do lado de fora da Igreja, recepciona os presentes, conduzindo-os em forma de procissão até o pavilhão da festa. A partir daí, amigos, familiares e os demais grupos, à espera do almoço, encontram-se e vão ressignificando aquele momento, reinscrevendo uma memória coletiva, a partir da reafirmação de seus laços sociais.

A hora do almoço é um dos momentos mais esperados do evento. Nessa hora, geralmente, o número de pessoas é multiplicado (em média, são vendidas 400 fichas de almoço). A refeição é servida ao meio dia e é estendida até meados da tarde, quando já estão ocorrendo as diversas atividades lúdicas que também caracterizam os festejos. Essas atividades igualmente sinalizam possibilidades de entrosamento e sociabilidade. Até o encerramento da festa, por volta das 17h, o consumo de bebidas - principalmente cerveja e refrigerantes - e de doces dá seguimento às práticas alimentares naquele contexto.

No período da tarde, após concluírem a refeição, os mais jovens se reúnem ao lado de fora do pavilhão para conversar com os amigos, reproduzindo os padrões de comportamentos e costumes da comunidade local. Enquanto isso, na parte interna do pavilhão, é comum ficarem os mais velhos em grupos distintos por gênero, bebendo e conversando. Nessa hora, muitos casais também estão dançando pelo salão, embalados pelo ritmo da banda, especialmente contratada para a ocasião. Após as 17hs, os organizadores do evento começam a finalizar os trabalhos, incluindo a resolução sobre o destino dos alimentos que sobraram e a limpeza do local.

No dia da festa, as diferentes funções são divididas entre os membros da comunidade. Conforme o costume local, além de assar a carne, os homens ficam encarregados de vender as bebidas na copa, enquanto as mulheres são as responsáveis por variados itens representativos da culinária ofertada naquele acontecimento, como as saladas, os pães, as cucas, os doces, entre outros. Há também uma equipe de homens e mulheres, entre jovens e adultos, que auxiliam nas demais tarefas, como a de servir as mesas durante a refeição ou vender os cartões de almoço que são consumidos durante o

evento. Tal demarcação espacial, permite concluir que a atribuição de funções baseada na distinção de gênero também é reproduzida nos festejos, refletindo o modo de vida ancorado em comportamentos e valores da tradição cultural.

Como lembra Demasi (2003), embora a fronteira entre os papéis masculino e feminino tenha se tornado menos rígida - já que, no decorrer do processo histórico, esses comportamentos foram sendo remodelados de acordo com os contextos de cada período, atendendo às resistências e à emancipação feminina - que proporcionaram às mulheres conquistas no espaço público -, muitas atividades, nas esferas privada e pública, mesmo em nossa sociedade moderna, configuram-se como típicas de um ou de outro sexo, pois, enquanto representações sociais, estão enraizadas em sistemas de crenças e valores estabelecidos a partir de instituições e modelos de vida de nossos antepassados e, portanto, em formas demarcadoras de direitos, espaços, atividades e condutas condicionadas aos gêneros.

As imagens que seguem mostram com os espaços da festa são ocupados pelos diferentes gêneros.



**Homens preparando o churrasco**



**Mulheres preparando as saladas**

Como podemos observar, além de outros significados atribuídos aos festejos, enquanto eventos culturais enraizados em uma tradição e em um sentido comunitário, as práticas envolvendo a preparação dos alimentos no espaço da festa, além de fazerem com que grupos de homens e de mulheres se mobilizem de forma diferenciada em torno das comidas e na organização do festejo, colocam questões fundamentais para se pensar a dimensão simbólica do alimento. A seguir veremos como as práticas alimentares auxiliam na construção das identidades culturais.

### **3 AFIRMANDO IDENTIDADES CULTURAIS: AS PRÁTICAS ALIMENTARES E O PERTENCIMENTO A UMA CULTURA LOCAL**

Nas diferentes sociedades, as práticas alimentares consistem em elementos constitutivos de identidades culturais. Nos festejos comunitários analisados, o alimento, para além da sua função nutricional, tem evidenciada a sua dimensão simbólica, tornando-se um elo central para se pensar as noções de pertencimento e diferença ali expressadas.

No entanto, ao nos referirmos às identidades culturais, é importante lembrar que as mesmas não devem ser concebidas como algo fixo, unificado e imutável. Ao contrário, as identidades culturais devem ser pensadas a partir da sua mobilidade e pluralidade (HALL, 1997). Como explica Montanari:



[...] a história nos mostra [...] que as identidades culturais não são realidades metafísicas (o “espírito dos povos”) e nem estão inscritas no patrimônio genético de uma sociedade, mas se redefinem incessantemente, adaptando-se a situações sempre novas, determinadas pelo contato com culturas diversas (2008, p.184).

Quando enfocada especificamente a relação entre comida e identidade é importante primeiramente considerar que, ao se ingerir um alimento, não se está somente saciando uma necessidade biológica ou algum desejo específico ligado ao paladar. Fischler (1995), a partir do *princípio de incorporação*, explica que o alimento absorvido não modifica apenas o nosso organismo, mas também a nossa noção de identidade:

[...] no se trata solamente de que el comiente incorpora las propiedades de la comida; simetricamente, puede decirse que la absorción de una comida incorpora al comiente em un sistema culinário y, por tanto, em el grupo que lo practica, a menos que se lo excluya irremediabilmente. Pero hay más – a un sistema culinario se vincula o corresponde una visión del mundo, una cosmologia. El hombre como por así decir, como hemos visto, em el interior de una cultura, y esta cultura ordena el mundo de una manera que le es própria.(FISCHLER, 1995, p.67)

Nesta concepção, a alimentação e a cozinha são fatores capitais do sentimento coletivo de pertencimento a uma determinada cultura, o que significa igualmente a possibilidade de afirmação da alteridade e da diferença de um grupo social frente a outros grupos. Seguindo a mesma lógica, a comida também pode ser considerada uma forma de expressão e um motivo para nos interarmos e nos comunicarmos com culturas alheias. Montanari (2008), ao enfatizar a relação entre comida e linguagem, lembra que, muitas vezes, é mais fácil entrarmos em contato com a cultura do outro comendo a sua comida, do que tentando decifrar a sua língua.

A noção de tradição, do mesmo modo, é um fator decisivo para se aprofundar o enfoque nas distintas práticas alimentares relativas aos festejos, uma vez que todas as etapas envolvendo os alimentos estão fundadas em alguns moldes que vêm sendo reproduzidos, a fim de se manter traços da cultura que caracterizam aquele evento ao longo das gerações. Essas etapas incluem desde o momento em que as pessoas se reúnem para planejar o que vai ser ingerido no almoço, passando pelo preparo do alimento, até o consumo, quando os diversos grupos reunidos partilham os distintos de significados daquele





acontecimento por meio da comida.

No entanto, quando observado o cardápio dos festejos, ao mesmo tempo em que é identificável o quanto a comida é um elemento-chave para se manter aquela reunião, no sentido de se perpetuar uma tradição, é possível visualizar que esta mesma tradição, embora seja demarcada por referências importantes e fundamentais, vai sendo redimensionada ao longo do tempo, ao incorporar aspectos da cultura local.

As festas, portanto, constituem-se em locais onde se estabelecem e perpetuam os laços identitários daqueles grupos ali presentes. Esses laços estão fundados na noção de tradição e são nutridos por meio das práticas exercitadas naquele meio.

Entre as comidas e os alimentos preparados, destacam-se aqueles que carregam marcas da cultura alemã, como o “chucrute”, a salada de batatas, as diferentes conservas ou “saladas curtidas” (beterraba, rabanete, ovos) e as cucas. Esses itens “típicos” da culinária alemã, são combinados com duas emblemáticas referências da cultura regional: o “churrasco” e o “chimarrão”. O churrasco é considerado um dos pratos principais do almoço. Já o chimarrão, é a bebida compartilhada pela manhã, no dia do evento, como meio de entrosamento e sociabilidade principalmente entre aqueles membros encarregados de darem início aos preparativos da festa.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o cardápio das festas, da mesma maneira que reflete singularidades culturais, uma vez que se baseia em alguns pratos característicos da culinária trazida pelos imigrantes alemães, também é resultado de processos culturais híbridos, resultantes de mudanças ocorridas ao longo do tempo e que repercutiram nas gerações, passando estas a redefinirem suas práticas alimentares e as correlativas significações.

Como observa Montanari (2009, p.12), referindo-se à forma de constituição das culturas culinárias: “[...] cada tradição é o fruto – sempre provisório – de uma série de inovações e das adaptações que estas provocaram na cultura que as acolheu”. Isso, portanto, nos permite pensar as identidades sob a ótica da própria mestiçagem ocorrida entre as culturas culinárias, o que, no mesmo sentido, apontou a emergência de novas formas alimentares (POULAIN, 2004), como bem pode ser visualizado no contexto dos festejos.

Cabe ainda evocar Woortmann (2007) que, ao estudar comunidades teuto-brasileiras, percebeu que as gerações modificaram as suas práticas tradicionais ao longo do tempo, incorporando novos elementos. Observa a autora que a relação entre tradição e inovação, assim como a capacidade de adaptação dos atores sociais, rearticulam e redefinem práticas de mundos “distantes” com os mundos “próximos”. Desta forma, a homogeneização das práticas pode ser evitada, por meio da reinterpretção dos modos de ser e



de fazer das culturas locais, considerando as construções identitárias que se formam a partir da diferenciação.

Nessa mesma perspectiva, é relevante abordar a ótica de Contreras (2011) quando considera a rigidez aplicada às regras alimentares entre imigrantes como forma de proteção contra a aculturação e a perda de identidade, o que os estimularia a criarem espaços, onde poderiam ser satisfeitas as suas peculiaridades alimentares de origem nas novas sociedades em que se instalam. Além de práticas específicas, isso incluiria um valor simbólico atribuído a determinados pratos, explicado pelo autor da seguinte maneira:

[...] certos pratos que se convertem em pratos totem, incorporando um valor simbólico muito peculiar que faz deles uma chave da identidade cultural, indicadores da especificidade e da diferença. Esses pratos recriam uma identidade, e as reuniões para degustá-los em grupo recriam uma comunidade de origem que existe, precisamente, como consequência da imigração. De forma paralela, essas práticas se convertem em parte do patrimônio de pertencimento e depois servem para a rememoração emotiva e identitária por parte da geração seguinte, apesar de as pressões homogeneizadoras das sociedades industrializadas tenderem, cada vez mais, a anular certas especificidades (CONTRE-RAS, 2011, p. 142).

As partir das considerações do autor é reiterada a dimensão simbólica da comida, constituindo-se em um elemento de afirmação identitária. Além disso, as demais práticas relacionadas ao culinário permitem a continuidade de valores e costumes, por meio do exercício de uma memória compartilhada.

A partir do que foi abordado até aqui, vemos o quanto a comida é um fator determinante para se pensar os diferentes aspectos que permeiam as culturas, em que pese a constituição das identidades culturais. Os festejos, portanto, podem ser vistos como contextos em que, os laços identitários são reafirmados e redimensionados, por meio da tradição e também acolhendo formas culturais que se imbricam com aquelas de origem desses imigrantes, reinscrevendo as práticas culinárias como fatores de mudanças, rupturas e continuidades.

#### **4 A SOCIABILIDADE NAS FESTAS COMUNITÁRIAS: O CONGRAÇAMENTO A PARTIR DA COMIDA**



A festa comunitária, enquanto fato sociocultural, é um espaço onde são reproduzidas as tradições e os sentidos vividos no cotidiano e onde se partilham representações e experiências coletivas. Nesta medida, estes eventos exaltam igualmente a dimensão social do alimento. Tal dimensão, entretanto, não se restringe à comensalidade, abarcando outros momentos relativos ao festejo, quando estão em vigor as demais práticas relacionadas ao alimento.

Nos festejos analisados, o exercício da sociabilidade ocorre em diversos momentos, seja na missa, quando os grupos partilham uma religiosidade herdada e perpetuada pelas gerações, ou nas danças, nos jogos lúdicos, nos trajetos entre um espaço e outro do festejo, ou seja, nas variadas possibilidades de interação proporcionadas pelo evento.

Ao tratarmos especificamente da sociabilidade em torno do alimento, podemos, inicialmente, enfatizar o almoço, ápice da festa, quando todos os grupos reúnem-se para a comensalidade. A configuração das mesas reproduz uma imagem predominante de estruturas familiares, cujo alicerce é mantido pelas diferentes gerações, desde o ancião até a criança de colo, alimentando, nitidamente, uma identidade de grupo. Simmel (2004, p. 160):

O comer e beber juntos – que para o árabe permite transformar um inimigo mortal desconhecido em um amigo – libera uma enorme força socializadora, que é tanto obscurecedora do fato de que na verdade não é “do mesmo”, mas de porções totalmente exclusivas que se come e se bebe, quanto produtora da ideia primitiva de que se produz deste modo carne e sangue comuns. Identificando o pão com o corpo de Cristo, a ceia cristã foi pioneira ao criar, sobre o chão dessa mística, a verdadeira identidade também daquilo que é consumido, criando assim uma forma muito particular de comunhão entre os participantes. Pois aqui, onde cada um não toma para si a parte do todo negada aos outros, mas cada qual recebe o todo em sua misteriosa indivisibilidade igualmente repartida a todos, o elemento egoísta da excludência, próprio do comer de cada um, foi superado por completo.

As palavras de Simmel são evocadoras de um imagem relacionadas aos festejos analisados, o que nos possibilita reafirmar que o consumo das comidas e dos alimentos ultrapassa a sua materialidade, abarcando uma dimensão simbólica.

Como lembra Wortmann (2004), o caráter simbólico-ritual do comer inclui, além da saciedade das necessidades biológicas, a reprodução de relações sociais. Conforme



Durkheim (CONTRERAS, 2011), em diferentes sociedades, as refeições em comum criam uma espécie de laço de parentesco artificial entre os que delas participam. Nos festejos comunitários, a refeição, enquanto ritual sociocultural, assume um caráter de celebração, comemoração e conagração, ao mesmo tempo em que reafirma a identificação dos participantes ao grupo social e a sua tradição cultural.

No entanto, como já mencionado, as práticas alimentares vão além do momento do almoço, congregando aqueles membros muitos dias antes do evento para o planejamento da compra e preparo dos alimentos. Nesse sentido, chama a atenção Contreras (2011, p. 138), que “As práticas alimentares são primordiais no estabelecimento da sociabilidade humana, no intercâmbio pessoal e na reciprocidade”. Assim, da mesma forma que os festejos proporcionam a reafirmação de vínculos, eles possibilitam o exercício da solidariedade entre os grupos, consistindo ainda em possibilidades para se compartilhar experiências e visões de mundo.

A divisão das tarefas no dia do evento pode ser relacionada a uma das maneiras de se perpetuar a tradição, quando geralmente algumas funções são reservadas aos homens e outras às mulheres, membros da comunidade, de acordo com o que foi abordado acima. Todavia, essa divisão vai além do universo da cozinha, ampliando-se para o salão do evento, onde as mulheres servem os pães, as cucas e as saladas nas mesas, enquanto os homens servem as carnes assadas e as bebidas.

Portanto, as festas comunitárias dão continuidade à herança dos antepassados daqueles membros, reproduzindo um padrão de organização da vida coletiva, em que os costumes e das tradições da cultura alemã se fazem presentes não apenas através da comunicação dos saberes locais, mas também pela expressão das práticas culinárias, por meio do modo como se prepara e se degusta os alimentos. A par disso, outros elementos, como a linguagem local, as músicas e as vestimentas podem ser vistos como construtores relevantes dos laços identitários naquele contexto.

Seguem algumas imagens que demonstram o momento de reunião, de reencontro de integração e de confraternização entre os membros participantes dos festejos.



Família reunida na hora do almoço



Plano geral das mesas na hora do almoço



Atividade lúdica durante o festejo



Gaiteiros próximos à capela



Casais dançando durante a festividade



Grupos de adultos após o almoço



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas comunitárias, na cidade de Estrela/RS, seguem a tradição de antepassados imigrantes que ocuparam a região em inícios do século XIX, produzindo um padrão de organização da vida coletiva, em que os costumes, valores e práticas enraizados na tradição germânica passaram a vigorar. Ancorados na religiosidade, os festejos colocam em evidência algumas práticas, das quais se destacam aquelas relativas aos alimentos. Neste contexto, a comida têm exaltadas as suas dimensões simbólica e social, constituindo-se em um eixo articulador de identidades e de afirmação de laços comunitários. A refeição, enquanto prática sociocultural, permite perceber o quanto a mesma exerce um papel determinante e revelador da dimensão socializante na ordem ritual dos festejos.

Os produtos consumidos nas festas comunitárias estão diretamente ligados à produção dos recursos para a manutenção das comunidades locais, inscritas na memória social e na dinâmica da rede de sociabilidade da vida cotidiana. As práticas alimentares envolvem a história das comunidades, e as inovações incorporadas nas suas tradições culturais e as suas relações com o meio ambiente.

As “marcas” da cultura germânica estão presentes especialmente através das comidas: cucas, chucrute, saladas de batatas e curtidos, ajudando a fortalecer a identidade cultural daqueles grupos sociais. No entanto, elementos determinantes da cultura regional, como o churrasco e o chimarrão, igualmente estão presentes, revelando traços de uma mestiçagem cultural, própria das tradições culinárias, enquanto frutos de apropriações, rupturas e inovações.

Nos festejos, são reproduzidas relações cotidianas e são fortalecidos os laços identitários e de pertencimento às comunidades envolvidas. Isso pode ser visualizado na mobilização em torno das práticas alimentares; as diferentes tarefas são divididas entre os membros da comunidade, fortalecendo o espírito comunitário e a noção de pertencimento àqueles grupos, uma vez que a sociabilidade envolvendo a comida não se restringe à refeição; ela vai além, incluindo tanto a idealização, preparo e a comercialização do que é consumido, reificando a dimensão socializadora do alimento. As comidas e as bebidas igualmente assumem um caráter demarcador de gêneros, reproduzindo determinados padrões culturais vinculados à tradição.



Portanto, a partir do que foi abordado, podemos concluir que a tradição cultural e o modo de vida das comunidades rurais do município de Estrela/RS, expressos nas suas práticas, servem de lastros para se pensar a construção das identidades culturais e seus imaginários. Do mesmo modo, a maneira pela qual os indivíduos se relacionam e constroem seus espaços nas festas comunitárias, ancorados na cultura local (regional) e, principalmente, nos traços da cultura germânica - provinda dos antepassados e ainda presente nas práticas das gerações que se sucederam – são determinantes para se pensar como estes eventos ajudam na manutenção da memória coletiva daqueles grupos sociais.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003.

CONTRERAS, Jesús, Gracia, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

DEMASI, Domenico (Org.). **As palavras no tempo: vinte e seis vocábulos da Encyclopédie reescritos para o ano 2000**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2003.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Anagrama, 1995.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PD&A, 1997.

LE GOFF, Jaques. Calendário. In: \_\_ **Enciclopédia Einaudi**, 1997. P.260-291.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **A cozinha, lugar da identidade e das trocas**. In MONTANARI, Massimo (org.). **O mundo na cozinha: história, identidade e trocas**. São Paulo: Estação Liberdade: Senac, 2009. p. 11-17.



POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**: sociologia do protestantismo contemporânea na América Latina. São Paulo: Olho d'água, 2001.

SIMMEL, Georg. Sociologia da refeição. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 33, p.1-8, 2004.

WOORTMANN, Klaas. **O sentido simbólico das práticas alimentares**. In: ARAÚJO, Wilma Maria Coelho; TENSER, Carla Márcia Rodrigues (Org.). **Gastronomia**: cortes e recortes. Brasília: SENAC, 2004.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre camponeses teuto-brasileiros. In: MENASCHE, Renata (Org.) **Agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007, p. 177-196.